

EM FOCO

OS COLORIDOS

THE COLORS

CIDINHA DA SILVA

DRAMATURGIA: CIDINHA DA SILVA E CIA OS CRESPOS

SILVA, Cidinha da.
Os coloridos.
Repertório, Salvador, ano 20, n. 29, p. **178-193**, 2017.2

RESUMO

Como pode se realizar um discurso negro através da dramaturgia? Essa foi a questão colocada na Mesa “Cultura negra – poéticas e processos criativos em artes cênicas”. Através do texto, que o segue, pretende-se apresentar uma proposta a essa questão. *Os coloridos* é uma peça para crianças, criada em parceria com a cia paulistana de teatro negro, Os crespos, a partir de uma proposta estética inspirada em referenciais negros e nas experiências das(os) integrantes do grupo.

PALAVRAS-CHAVE:

Dramaturgia negra.
personagem negra. poética
negra.

ABSTRACT

How can a black speech be achieved through dramaturgy? This question was brought to light at the discussion table “Black Culture – poetics and creative processes in Scenic Arts”. Through the upcoming text it’s intended to present a proposal to this question. The Colorful ones is a play for children, created by a partnership with Cia Paulista de Teatro Negro, Os Crespos, from the perspective of an aesthetic proposal inspired by black people and the group members experiences.

KEYWORDS:

*Black dramaturgy. Black
character. Black aesthetic.*



OS COLORIDOS

Sinopse da peça: Dois narradores se encontram numa praça pública, e em ritmo de desafio, narram suas histórias. Um narrador é vermelho, outro amarelo, e eles contam ao público porque são tão diferentes. No auge do conflito, chega outro personagem em perna-de-pau, o narrador Azul, que se propõe a solucionar a questão. Azul é um sábio africano disfarçado de perna-de-pau que resolverá o conflito explicando como surgiram as cores e tornando o público multicolorido, por meio de uma pacífica pulverização de cores, que simbolizam as marcas diversas da humanidade das pessoas. A narrativa de Azul é adaptação livre de dois contos da tradição Maya mexicana.

Play's Synopsis: Two narrators meet at a public square and through rhythmic poetry they tell their stories. One narrator is Red, another is Yellow and they explain to the audience why they are so different. At the peak of the conflict a third character arrives and promises to solve the issue. He is Blue and walks on stilts. Actually the Blue man is an African wise disguised who will solve the conflict by explaining how colors have appeared. He will also turn the audience multicolor with a peaceful pulverization of colors that symbolize the several marks of people's humanity. The Blue man's narrative is in fact an adaptation of two short stories from the tradition of Maya people from Mexico.

A arara vermelha e a amarela entram na cena realizando gestos cotidianos de araras, sempre um de costas para o outro, até que se encontram. Um examina outro e surge o primeiro espanto porque os dois têm olhos, orelhas, nariz e boca, mas cores diferentes. Eles se tocam para ficar explícito para quem observa que os dois estão se reconhecendo como iguais. Iniciam um diálogo:

Vermelho (bem enfático): quem é você?

Amarelo (responde jocoso): eu vi você primeiro. Quem é você?

Vermelho: não vou responder, eu perguntei primeiro.

Amarelo: eu também não. Vamos passar o dia inteiro calados, então.

A dupla não sai do impasse, emburrada e de braços cruzados. Um olha para o céu e assovia. O outro chuta pedrinhas. Ambos provocam a plateia, já tentando trazê-la para o seu lado. Amarelo quebra o gelo.

Amarelo: meu nome é Amarelo e eu vim do país Amarelo.

Vermelho: pois o meu nome é Vermelho e eu nasci no reino superior dos vermelhos.

Amarelo (irritado): você é muito arrogante, isso sim! Por que o seu reino é superior ao meu país?

Vermelho: ora, ora, somos superiores porque o vermelho é cor forte, vibrante. É a cor do tomate, da maçã, do morango, da lava do vulcão. É a cor da alegria, do sol que se põe no horizonte, da labareda da fogueira de São João.

Amarelo (pensativo): pois o amarelo é cor do ouro, da gema do ovo onde mora a vida, é a cor do Sol, o rei dos reis, e nem por isso o povo do país Amarelo se acha superior aos outros povos.

Vermelho (*insolente*): o vermelho é a cor do sangue, mais vital do que a gema do ovo. Os vermelhos têm o sangue ainda mais vermelho e por isso são conquistadores.

Amarelo (*indignado*): isso não é verdade! Os seres de todas as cores deveriam ser irmãos e amigos, mas vocês querem tudo pra si...

Os dois se ofendem usando expressões esdrúxulas (MOMENTO DE IMPROVISO), tais como: seu meia de chulé, seu cara de uva podre; seu cheiro de sapato molhado guardado na sapateira; seu cheiro de peixe estragado; nada que lembre ofensas reais, mas que mostrem o preconceito em relação ao outro e a necessidade de ser melhor.

Música: Embolada colorida

Autoria: Belize Pombal

Refrão

Sai pra lá bicho esquisito não quero ser seu amigo

Eu sou muito mais bonito sai seu cara de furico

Sei mais do que você, sou mais forte que você

Tenho mais do que você, qualquer bobo pode ver

Vermelho canta:

Amarelo! Isso lá é cor decente?

Cor de queijo mau cheiroso

Seu amarelo seboso

Sai pra lá bicho feioso

Cara feia de chulé

Amarela canta:

Ah é?! Hunf...

ô Vermelho, você é bobo

Deixa de ser invejoso,

grosseiro e deselegante

Sua lombriga gigante

Cara de pum de elefante
Você é mesmo um zé mané

Refrão

Sai pra lá bicho esquisito não quero ser seu amigo
Eu sou muito mais bonito sai seu cara de furico
Sei mais do que você sou mais forte que você
Tenho mais do que você, qualquer bobo pode ver

Vermelho:

Ah!
Pode dizer o que quiser
Agora eu vou lhe contar
Vermelho é superior
Não adianta reclamar
Vermelho é sempre melhor
De todos é o maior
É muito elogiado
Sempre privilegiado
por força, batalha e guerra

Amarelo:

Ô bocoió, você não sabe de nada
Amarelo é cor danada
Cor do ouro, irmão da prata
Cor do sol e da banana
Do maracujá e manga
Amarelo é cor vibrante
Muito mais interessante
Luminosa e empolgante
Ofusca os arrogantes

Refrão

Sai pra lá bicho esquisito não quero ser seu amigo
Eu sou muito mais bonito sai seu cara de furico

Sei mais do que você sou mais forte que você
Tenho mais do que você, qualquer bobo pode ver

Eis que vem surgindo Azul, o terceiro personagem, cheio de ginga. Azul porta um pequeno tambor embaixo do braço (tambor de axila, um pequeno djembê, originário do povo mandinga) e o toca sempre que quer pausar a conversa e/ou chamar a atenção do público. Azul cumprimenta a dupla de brigões.

Azul: boa tarde, senhores brigões! Olhem que dia lindo, que criançada bonita e sorridente e os senhores aí brigando – podem me dizer o porquê?

Vermelho: ih, já chegou outro metido a sabidão. A questão aqui é a seguinte: esse Amarelinho de nada, esse cor de lombriga anêmica, não aceita a superioridade dos Vermelhos. Nós somos desbravadores de selvas e florestas, de mundos desconhecidos, campeões da navegação em mares turbulentos. O vermelho é a cor da vitória! Nós somos vencedores por natureza e o Amarelinho não quer aceitar isso. Nós inventamos a bússola, as grandes embarcações, os instrumentos de navegação, os pássaros que voam. E os Amarelos, inventaram o que?

Amarelo (*irritado no início*): antes de vocês, outros povos inventaram a canoa e cruzaram oceanos e povoaram terras distantes. Vocês não foram os primeiros, nem são os mais inteligentes. Eu só acho que existe lugar no mundo para todas as cores, viajante! Uns têm espírito mais bélico, outros são pacíficos. Uns contemplam a natureza e cuidam dela, como o povo de onde venho. Mantemos o azul dos rios com amor e respeito pelas nascentes; mantemos o verde das matas ao cuidarmos das águas limpas que as alimentam; o colorido dos frutos e a beleza das flores, nós mantemos ao cuidar da saúde das raízes, e cultuamos o Sol, pai de tudo, mas não nos achamos melhores do que Marte, o planeta vermelho. Mas esse Vermelho aí se acha melhor do que todo mundo, quer humilhar as pessoas, explorá-las e ser maior do que elas.

Vermelho: eu sou o melhor, meu caro! Esta é a questão! (*Bem irônico e ao mesmo tempo engraçado*) Aceita que dói menos!

Amarelo (*reticente*): viajante, eu desisto. Esse Vermelho é muito cabeça dura. Quem sabe você consegue alguma coisa, mas, conte pra gente, de onde você vem?

Azul: eu venho do país da ginga, onde as pessoas usam pernas-de-pau e moram nas copas das árvores para ver a beleza do mundo com melhores ângulos de visão e para ficar mais perto das frutas mais doces.

Amarelo mostra-se interessado.

Vermelho caminha de um lado para o outro, insatisfeito. Amarelo retoma a palavra, entre animado e tímido, com um ar bem sonhador.

Amarelo: eu queria ter pernas-de-pau para ajudar a sustentar o céu como meus antepassados fizeram.

Vermelho: (*para a plateia*) Hahahahahaha... que ridículo! Ele nem é Vermelho e acha que pode fazer alguma coisa grande como sustentar o céu. (*para Amarelo*) Explique-se, seu maluco!

Amarelo (*ainda sonhador, responde à provocação de Vermelho, mas não dá a mínima bola para ele, conversa com o público, com Azul e, acima de tudo, com seu sonho*): Não é que o céu não esteja firme, mas segundo os ancestrais do meu povo, é necessário sustentar o céu para que ele não despenque. Porque de vez em quando, ele fica fraco e quase desmaia e se deixa cair como as folhas caem das árvores, e então acontecem verdadeiras calamidades. O mal chega ao milharal, a chuva quebra o milharal. O Sol castiga o solo. Quem manda é a guerra, quem vence é a mentira, quem caminha é a morte e quem pensa é a dor.

Disseram nossos ancestrais Amarelos que isso acontece porque os deuses que fizeram o mundo, os primeiros, se empenharam tanto em fazer o mundo que, depois de terminá-lo, não tinham muita força para fazerem o céu, ou seja, o telhado da nossa casa. Então, encaixaram assim, do jeito que deu, e o céu ficou desencaixado em cima da terra, como um telhado de plástico, sabe? É por isso que o céu não está bem firme, e às vezes, parece que afrouxa.

Azul (*pensativo e atencioso, batendo no tambor para chamar a atenção da plateia*): amigo Amarelo, o que acontece quando o céu fica frouxo?

Vermelho (*bem irônico, voltado para o público e com as mãos na cintura*): vocês falam tanta bobagem que daqui a pouco o céu vai cair na cabeça de vocês.

Azul (*também voltado para o público*): não dê bola para o Vermelho, amigo Amarelo, continue sua história. Nós queremos saber, não é meninada?

Amarelo (*bem animado e gesticulador*): quando o céu fica molenga lá em cima os ventos ficam bravos, as águas ficam nervosas e barulhentas, o fogo se espalha, a terra se levanta e caminha sem sossego pensando num jeito de colocar ordem nas coisas.

Azul: eu só não entendi ainda, amigo Amarelo, por que o céu ficou frouxo? Foi por cansaço dos deuses ou dos operários?

Amarelo: os deuses do meu povo são trabalhadores, amigo Azul. Eles colocam a mão na massa. São deuses e são operários.

Vermelho: hahahahaha! Só deuses bobos mesmo é que vão colocar a mão na massa. No meu país...

Azul (*interrompendo Vermelho e tocando o tambor*): por favor senhor Vermelho, vamos ouvir a história.

Vermelho faz cara de desagrado.

Amarelo: minha avó contava, amigo Azul, que depois de trabalhar muito, quatro deuses voltaram ao mundo como gigantes, pintados de cores diferentes. Cada um deles tinha a função de ficar em um dos quatro cantos do mundo para prender o céu e evitar que ele caísse. A ideia era deixar o céu bem plano para que o Sol, a Lua, as estrelas e os sonhos caminhassem por ele (o céu) sem sofrimento nem dificuldade, mas eles, mesmo sendo deuses, se cansavam. As mulheres e os homens Amarelos solidários com os deuses guardiões do céu resolveram ficar

mais próximos deles e ajudar a sustentar o céu. Só que, como eles não tinham o tamanho gigantesco deles, inventaram as pernas-de-pau para se aproximar do céu.

Vermelho: Amarelinho, você não se cansa de falar tanta besteira, não? E as nuvens, seu bobo? Não vejo plenitude nenhuma no céu com aquele montão de nuvens! *(Diz isso desafiador, olhando para o céu e convidando o público a fazer o mesmo).*

Azul: seu Vermelho, o senhor atrapalhou a história de novo!

Vermelho: *(sem se importar com o aviso):* vamos, vamos, Amarelinho, responda!

Amarelo: é simples, Vermelho! As nuvens se formam quando o céu espirra! Cada nuvem é bolsão cheio de água que chove quando fica muito cheio e...

Vermelho: ai que nojento! Quer dizer então que os deuses Amarelos chovem cuspe aqui na terra?

Azul: senhor Vermelho, por favor, você continua atrapalhando a história.

Vermelho: tá, tá! Vamos amarelinho, acaba logo com essa história, mas eu te peguei, você não respondeu à pergunta das nuvens.

Amarelo: pode ser, Vermelhinho! Mas o mundo não teria sonho se tivesse resposta para tudo.

Vermelho: ora veja, é muita bobagem junta! Que história sem pé nem cabeça. Onde já se viu um bando de Amarelinhos com poder para sustentar o céu? É uma piada pronta e sem graça.

Amarelo: pois saiba, amigo Vermelho...

Vermelho *(Vermelho interrompe Amarelo com o dedo em riste):* Sr. Vermelho, por favor! Para você eu sou “senhor”. Não sou seu amigo e não lhe dei intimidade.

Amarelo (*aproximando-se de Vermelho e colocando a mão em seu ombro em total desconsideração ao aviso de Vermelho*): pois saiba, amigo Vermelho, que tem sido assim desde que o mundo é mundo (*Vermelho faz uma cara relaxada e deixa Amarelo com as mãos em seu ombro*). Os deuses não sustentam o céu sozinhos! Tem sempre uma mulher ou um homem que os ajudam. Em contrapartida, os deuses mantêm a alegria na Terra, mesmo quando ficam tristes por causa da guerra e das matanças, da destruição.

Azul: é uma história muito bonita, amigo Amarelo!

Vermelho: (*mau humorado*): que história bonita que nada! É uma história boba, uma bobagem e vocês são dois bobões!

Amarelo: sabe, amigo Vermelho...

Vermelho: já falei que não te dou intimidade pra me chamar de amigo!

Azul: é preciso ter ginga para viver a vida, amigo Vermelho, já nos ensinaram os africanos.

Vermelho: hahahahaha, ginga é esse negócio de ficar balançando a bunda que a gente vê nas danças dos Azuis?

Amarelo: acho que não, amigo Vermelho...

Vermelho: fica quieto, Amarelinho, nem Azul você é. O que é que sabe deles?

Azul: não seja tolo, amigo Vermelho, o conhecimento é uma bebida doce e nutritiva que todos devem provar.

A ginga é a alma de uma luta chamada Capoeira, que nasceu no Brasil. Alguns dizem que veio de uma dança chamada N'golo lá de um país chamado Angola. A ginga é o movimento que faz que vai e não vai só para ver como o outro reage. Às vezes você ginga mais rápido, às vezes mais devagar, às vezes em trevo ou em X, com os pés trocados. Depende do que a vida sugere ou exige. A ginga é única, cada pessoa

tem a sua, é como uma impressão digital. Gingar é uma maneira de não entrar no confronto direto como nosso amigo Vermelho faz. A ginga é o movimento que embala o corpo, como a música embala as palavras. Quando você ginga, você não olha, mas vê.

Amarelo: o que acontece com o bebê esperto quando está na barriga da mãe? Ele ginga, faz esforço para não ser sufocado pelo cordão, até na hora de nascer tem que ser malandro, não pode ficar sentado, preguiçoso, precisa se movimentar e se encaixar no lugar certo. Gingar é falar com o corpo inteiro, e quando alguém fala com o corpo inteiro, fala mais.

Azul: tem uma história que aconteceu na Nigéria, outro país do continente africano, como Angola, de onde veio a dança que inspirou a nossa capoeira, que explica muito bem o que é a ginga. Veja se ouve com atenção e aprende alguma coisa, amigo Vermelho. Contam que Ogum, um deus muito bravo, depois de mais um dia de fúria, feriu muitas pessoas inocentes, e então ele se escondeu na mata, envergonhado. Não mais trabalhava afundado em remorso e sofrimento. Como resultado, as pessoas na vila padeciam duas vezes, pois Ogum era ferreiro, e quando ele não trabalhava, não havia ferramentas para cultivar a terra, não havia armas para a guerra, não havia tecnologia. Ogum é o deus da tecnologia. Os súditos tentavam se aproximar dele no coração da floresta, mas era inútil. Só Oxum, moça graciosa e arteira, enviada pelos mais-velhos conseguiu aproximar-se daquele coração de menino frágil e turrão. Ela canta, dança e encanta Ogum, que a segue boquiaberto por sua juventude e beleza. Oxum se exhibe, faceira, sempre gingando de frente para o guerreiro e vai seduzindo e enganando, andando de costas até chegar à vila, e lá os súditos recebem o Ferreiro em festa e o convencem a ficar. E a ciência no mundo volta a florescer.

Vermelho (*mais flexível, sensibilizado por tudo o que ouviu*): hummm... quer dizer que outro povo além do povo Vermelho conhece a tecnologia há muito tempo?

Azul: sim, Vermelho. O conhecimento, além de doce e nutritivo, é também generoso, habita a casa de todos os povos do mundo.

Música: Cores do mundo

Autoria: Belize Pombal

Tem no mundo tanta gente
Tem no mundo tanta história diferente
Tantas cores, tanta vida
Pare e pense
Quantas formas de viver no passado e no presente
No mundo tem muito mais que mil sabores
Tem no mundo vários tipos de cheiros e flores
Em todos os povos lindas descobertas,
Que podem fazer da vida,
Uma generosa festa

No mundo há vários povos
Muito pra se conhecer
São tantas sabedorias diferentes
Pode crer
Você aprende comigo
Eu aprendo com você
Todo ser tem algo bom pra ensinar e aprender

Tem no mundo tanta gente
Tem no mundo tanta história diferente
Tantas cores, tanta vida
Pare e pense
Quantas formas de viver no passado e no presente
No mundo tem muito mais que mil sabores
Tem no mundo vários tipos de cheiros e flores
Em todos os povos lindas descobertas,
Que podem fazer da vida,
Uma generosa festa
Em todos os povos lindas descobertas,
Que podem fazer da vida,
Uma generosa festa.

Vermelho: é, talvez vocês tenham razão.

(Azul e Amarelo piscam um para o outro).

Azul: Eu vejo uma arara que atravessa o horizonte. Estão vendo como ela é colorida? Parece mentira que um só pássaro tenha tantas cores. *(Azul mostra a Vermelho, a Amarelo e ao público uma arara multicolorida, real ou imaginária).* Os mais velhos contam que a arara não era assim. Ela quase não tinha nenhuma cor. Era só cinza. Suas penas eram curtas, como uma galinha molhada. Os próprios deuses não sabiam quem fizera as araras. Ou como haviam sido feitas. Assim era a vida.

Os deuses despertaram depois que a noite disse para o dia ‘agora é a minha vez’. E as pessoas estavam dormindo e os deuses lutavam, sempre lutavam. Esses deuses eram muito briguentos. Eles guerreavam porque o mundo era muito chato, pois era todo pintado somente com duas cores; uma era o preto, que comandava a noite, a outra era o branco, que caminhava durante o dia. A terceira não era uma cor, era o cinza. Esses deuses eram briguentos, mas sábios. E, durante uma reunião, conseguiram chegar a um acordo para criar mais cores. Um dos deuses machucou a cabeça e deu nome à cor do sangue de vermelho. Depois, outro deus procurava uma cor para pintar a esperança e encontrou o ‘verde’. Outro deus começou a cavar fundo na terra e encontrou o ‘marrom-café’. Outro foi para cima. ‘Vou olhar de que cor é o mundo’, disse, e começou a subir e a subir até lá no alto. Quando chegou bem alto encontrou o ‘azul’. Um outro Deus estava procurando cores quando escutou uma criança rindo, aproximou-se com cuidado e, quando a criança se distraiu, o deus lhe arrebatou a risada e encontrou o amarelo. *(Durante essa descrição, os atores vão buscando ajuda da plateia para dizer os nomes das cores).*

Nesse momento, os deuses já estavam cansados e foram beber aluá, uma bebida refrescante, e dormiram, deixando as cores numa caixinha, debaixo de uma árvore chamada baobá. A caixinha não estava muito bem fechada e as cores saíram, começaram a brincar, se amaram e surgiram mais cores diferentes. Quando os deuses acordaram, já não eram sete cores, eram muitas cores. Então subiram no alto da copa do baobá e dali começaram a jogar as cores ao acaso: o azul ficou parte na água e parte no céu, o verde caiu nas árvores e nas plantas. Os deuses

lançavam as cores e nem se preocupavam onde elas iam parar, e algumas cores salpicaram nas pessoas e é por isso que existem pessoas de diferentes cores e diferentes pensamentos.

E então, para não esquecer ou perder as cores, pensaram numa forma de guardá-las. Foi então que viram a arara e nela começaram a colocar todas as cores. Aumentaram suas penas para que coubessem todas. E foi assim que arara ganhou tantas cores e anda por aí passeando, para que os homens e as mulheres não se esqueçam que existem muitas cores e pensamentos, e que o mundo só será alegre e belo se todas as cores e todos os pensamentos tiverem seu lugar.

Música: Diferenças

Autoria: Margareth Darezzo

Cada um tem um...

Rosto, corpo, nome, jeito de ser

Todo mundo tem nariz

Todo mundo tem um pé, outro pé...

Todo mundo é diferente sendo igual

Todo mundo é igual, sendo diferente

A linda paisagem tem mil cores

E todas as cores são tão importantes

Todo mundo é diferente sendo igual

Todo mundo é igual, sendo diferente

Cada um tem um...

Rosto, corpo, nome, jeito de ser

Todo mundo quer amar

Todo mundo quer viver e ser feliz

Todo mundo é diferente sendo igual

Todo mundo é igual, sendo diferente

A linda orquestra tem mil sons

E todos os sons são tão importantes

Todo mundo é diferente sendo igual

Todo mundo é igual, sendo diferente

Amarelo: isso, vamos espalhar as cores pelo mundo e fazer de todas elas irmãs.

Vermelho: como as pessoas, não é amigo Amarelo, diferentes, mas respeitando umas às outras.

Fim.

TEXTO: Cidinha da Silva

DRAMATURGIA: Cidinha da Silva e Cia Os Crespos

MÚSICAS: Belize Pombal e Margareth Darezzo

* A narrativa do personagem Azul é adaptação livre de dois contos da tradição Maya mexicana.

CIDINHA DA SILVA: é Autora de 11 livros de literatura e 3 peças de teatro encenadas. Organizou as obras *Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras* (2003) e *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil* (2014). Seu livro mais recente é *#Parem de nos matar!* (crônicas, 2016).